

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS E HUMANAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COMUNICAÇÃO COM
ÊNFASE EM COMUNICAÇÃO MUDIÁTICA**

**FOTOGRAFIA:
OBJETO DE MEMÓRIA**

ARTIGO DE ESPECIALIZAÇÃO

FÁBIO FRANCO CODEVILLA

Santa Maria, 2007.

FOTOGRAFIA:
Objeto de memória

por

FÁBIO FRANCO CODEVILLA

Artigo de Especialização apresentado ao Curso de Especialização em Comunicação com ênfase em Comunicação Midiática da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do Grau de **Especialista em Comunicação**

Orientadora: Profa. Dra. Amanda Eloina Scherer

Santa Maria, RS, Brasil.
2007

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Especialização em Comunicação com
ênfase em Comunicação Midiática**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova o artigo de especialização

**FOTOGRAFIA:
OBJETO DE MEMÓRIA**

elaborado por
Fábio Franco Codevilla

como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Comunicação

COMISSÃO EXAMINADORA:

Profa. Dra. Amanda Eloina Scherer (UFSM)
(Presidente/Orientador(a))

Prof. Ms. Paulo Eugenio Kuhlmann (UFSM)

Profa. Ms. Suzana Terezinha Gruber Vaz (UFSM)

Prof. Dr. Adair Caetano Peruzzolo (UFSM)
(Suplente)

Santa Maria, 18 de janeiro de 2007

SUMÁRIO

RESUMO.....	1
REGULANDO ABERTURA, AJUSTANDO VELOCIDADE.....	2
FAZENDO FOCO.....	4
O SOM DO OBTURADOR.....	6
REVELAÇÕES.....	16
BIBLIOGRAFIA	18

FOTOGRAFIA: OBJETO DE MEMÓRIA

Resumo: Fotografia é uma técnica de gravação de imagem - *imagem fotográfica* - através da qual é possível ver objetos e pessoas que não se veriam de outra maneira. A fotografia dá forma a sentimentos, cenas, lembranças, passado e futuro, sobretudo, quando ressuscita lembranças-imagens. Ao mesmo tempo, aquele que escolhe o momento e constrói a fotografia - fotógrafo - e aquele que observa a fotografia - espectador - fornece sentido à imagem; mas sentidos múltiplos, fazendo com que uma mesma imagem possa vir a ter inúmeras interpretações. Abordar a fotografia requer falar não só do valor expressivo daquilo que aparece na fotografia, mas também de realidades e memória. Dessa forma, o artigo tem o objetivo de entender como as pessoas - observadoras - interpretam de formas tão diferentes uma mesma fotografia sob a égide da memória nos significados constituídos pelo olhar comum do sujeito-leitor.

Palavras-chave: Fotografia; Realidade; Memória.

Abstract: Photography is a technique of writing an image - photographic image - through which is possible to see things and people that would not be seen in another way. Photography give shape to feelings, scenes, souvenirs, past and future, specially when recovers memory-images. At the same time, the one that chooses the moment and makes the photograph - photographer - and the one who observes the photograph - spectator - gives a meaning to the image; but multiples meanings can make the same image have innumerable interpretations. To approach photography requires to not only speak of the meaningful value of what appears in the photograph, but also about realities and memories. In that way, the article has the objective of understanding how people - observers - interpret in so different ways a same photograph under the influence of memories in the meanings constituted by the ordinary look of the subject-reader.

Keywords: Photography; Reality, Memory.

Resumen: La fotografía es una técnica de grabación de imágenes - imagen fotográfica - por medio de la cual es posible ver cosas que no se conocerían de otra manera. La fotografía da forma a sentimientos, escenas, recuerdos, pasado y futuro, sobretudo cuando resucita recuerdos-imagenes. Al mismo tiempo, aquel que escoge el momento y construye la fotografía, el fotógrafo, y aquel que observa la fotografía, el espectador, dan sentido a la imagen; pero sentidos múltiples, haciendo que la misma imagen tenga innumerables interpretaciones.

Abordar la fotografía requiere no señalar solo el valor expresivo de aquello que aparece en la fotografía, sino de realidades y memoria. Así, el artículo tiene el objetivo de exponer como las personas, observadores, interpretan de formas tan diferentes; una misma fotografía es la cúspide de los recuerdos en los significados constituídos por la mirada común del sujeto-lector.

Palavras clave: Fotografia; Realidad; Memoria.

Biografia do autor: Fábio Codevilla é bacharel em Comunicação Social pela UFSM. Atualmente coordena a rádio Itapema FM de Porto Alegre. É apreciador da fotografia.

Regulando abertura, ajustando velocidade

Agimos e interagimos com as imagens sem percebermos o quanto elas impregnam nossa vida, quer na criação pela arte, no desenho, na gravura, na propaganda publicitária, na televisão, na informação ou como simples registro fotográfico. Todo e qualquer tipo de imagem tornou-se foco de atenção dos pesquisadores.

O tema *imagem* não é sinônimo de contemporâneo, pois já fazia parte de reflexões na antiguidade. Platão, por exemplo, defendia a idéia de que a imagem é imitadora e que ela engana e desvia da verdade. Já Aristóteles considerava a imagem como representação mental de um objeto real.

Atualmente, os meios de propagar e difundir as imagens aumentaram consideravelmente e vivemos na era da imagem. A vida humana é cada vez mais uma vida delegada às imagens. Apesar de ela ser uma expressão visual de idéias, quase sempre, seu significado está implícito, abrindo margem a inúmeras interpretações; logo, é difícil afirmar que as imagens têm capacidade de falar por si só, pois seu significado depende também da subjetividade daquele que a observa e, no caso da fotografia, a imagem também sofre influência da subjetividade e intenção daquele que fez o registro: o fotógrafo.

Tomando-se uma dessas imagens, como por exemplo, a fotografia, vê-se que ela é hoje um elemento presente no nosso cotidiano de modo cada vez mais intenso. Uma simples fotografia pode instigar as mais diversas interpretações, da mais simplista a mais emocionada.

A mesma fotografia comporta simultâneas realidades. Para cada olhar, ela oferece um tipo de afeto, um gesto de interpretação (Orlandi, 2001).

Através delas, entende-se como o olhar do outro está escondido na memória. A fotografia permite ver também aquilo que não se via, pois ela fixa o instante e memoriza, revelando, então, imagens quase sempre ignoradas.

Aparentemente, as fotografias são silenciosas e desprovidas de sentido concreto, vazias no espaço; no entanto, provocam e conduzem a uma infinidade de discursos e interpretações em torno dela. Barthes (1984) destaca três figuras na composição de significado da foto: o fotógrafo (operator), o objeto fotografado e o espectador (observador).

O fotógrafo lança seu olhar sobre um tema qualquer, fornece um sentido para aquela a cena ou a pessoa, quando resolve fotografá-la, clicando um momento passageiro, mas que permanecerá no tempo através da imagem matéria. Ele consegue interpretar momentos

especiais, cenas que se tornarão inesquecíveis e que não voltarão a acontecer, realizando o único meio plausível de entender a possibilidade da existência de um momento qualquer. Fatos e dados revelados materialmente não só pela máquina, mas sobretudo, pelo olhar do fotógrafo e do outro que nos olha.

A fotografia preenche um vazio, carente de significado até então invisível a olho nu, ou mesmo vazio da perda, do passado. Resta saber se os momentos fotografados foram significativos por si mesmo ou se tornaram memoráveis por terem sido fotografados.

Quanto ao espectador, ele constrói por sua vez mais um campo de significado, lançando seu repertório de sentimentos e memórias à imagem, que o seduz influenciando o seu imaginário.

A fotografia seduz não somente pela leitura que ela conduz ao espectador, mas ainda pela curiosidade de querer saber o que idealizava o fotógrafo poder expressar.

Ao mesmo tempo em que a fotografia fornece algo material para ver, pela sua matéria textual, ela engaja o pensamento do observador num complexo processo imaginário no qual se torna difícil separar aquilo que pertence à realidade e aquilo que já se tornou ficção. De impressão perceptiva, ela se transfigura numa produção pessoal simbólica.

O fotógrafo escolhe, entre os objetos que vê, o que deseja mostrar ou esconder, dando, portanto, um ponto de vista ideológico determinando a sua imagem. Talvez ele as explore para explicitar, de modo concreto, suas idéias abstratas.

A realidade, por sua vez, oferece uma variedade quase infinita de coisas e seres capazes de traduzir idéias gerais e abstratas, e uma das faltas do espírito humano está justamente na sua incapacidade de abstração absoluta, na incapacidade de isolar conceitos ou conceber idéias desgarradas de todo contato com o mundo objetivo.

Nesse sentido, a fotografia colabora a incitar o pensamento abstrato e à interpretação subjetiva, mais distante do racional; por isso, alguns consideram uma fotografia divertida, outros poderão considerá-la atordoante, ou até mesmo, pensarão apenas em sua dimensão física. O imaginário humano produzirá o sentido da fotografia.

Diante disso, procura-se entender de que forma a fotografia, aquela feita por um amador, mais espontânea e sem a intenção profissional, toca o imaginário dos sujeitos, tanto o fotógrafo, como o mero observador, tendo em vista que de uma mesma fotografia surgem diferentes interpretações. E mais, o que atraiu o fotógrafo e o observador àquela mesma foto? Serão subjetividades e memórias se entrecruzando?

Fazendo foco

Homem dormindo. Homem sentado com cabeça baixa. Imagem abstrata. Criança na praia. Pé e bicicleta. Desenho no chão. Criança escondendo o rosto com fita. Pessoas dançando. Céu azul. Flores. Bichos. Vendedor ambulante. Rituais. Gente de todas as cores e tamanhos. Imagens enraizadas no/do imaginário.

Pode-se afirmar que uma das imagens contemporâneas que mais sensibilizam o sujeito é a fotografia. Porque ela desperta a memória, por sua vez, lançando um olhar aguçado sobre o mundo, sobre o real do instante.

Dela podem surgir alegrias, perdas, angústias, solidariedade; enfim, a fotografia é capaz de ferir, comover ou animar uma pessoa. A seleção - de momentos, cenas, pessoas - feita pelo fotógrafo torna-se, muitas vezes, a única referência de um passado esquecido, pois a imagem fotográfica pode ser guardada, revista, incessantemente contemplada. Por exemplo, quem não lembra até hoje das imagens criadas por um Louis Stettner ou um Robert Doisneau.

Ao tornar-se perene, ao ser seu próprio contínuo, a fotografia nos transporta de um tempo cronológico a um tempo memorial afetivo, onde as lembranças fixadas na imagem substituem pessoas e acontecimentos reais que se perdem. Machado (1996) afirma que nós fazemos proliferar duplos de nós mesmos, multiplicando ao infinito as imagens dos fenômenos e, em seguida, atribuímos o estatuto de realidade.

Para Vicente (in Samain, 2005) a fotografia pode ser definida como um sistema de elaboração de realidades. Ele chama a atenção que é realidade no plural, pois sua realização envolve a construção de uma imagem bidimensional fixa, usando uma faixa do espectro eletromagnético e mediado por um aparato tecnológico, a partir de uma realidade externa, em dado momento.

Essa realização é dependente da intenção e do referencial cultural do autor - o fotógrafo -, sendo esse referencial uma realidade interna, de domínio apenas parcial de seu consciente. A recepção, atribuída a um espectador, corresponde à constituição de imagens - conceitos mentais a partir da realidade apresentada na imagem e de suas referências culturais; conseqüentemente, cada pessoa poderá ter apreensão e interpretação diferentes.

Essa definição abrange tanto as possibilidades ficcionais da fotografia como sua validade enquanto fonte histórica. A reconstituição de um tema determinado do passado, por meio da fotografia ou de um conjunto de fotografias, requer uma sucessão de construções imaginárias. O contexto particular que resultou na materialização da

fotografia, a história do momento do personagem que está ali representado, o pensamento constituído em cada um dos fragmentos fotográficos, enfim, a vida do objeto em questão é invisível ao sistema óptico da câmera, não pode ser revelada pela fotografia, apenas imaginada. Dessa forma, a realidade da fotografia não corresponde necessariamente à verdade, apenas ao registro expressivo da aparência.

Ferrara (1993) afirma que a fotografia tem o poder de reter, fixar, congelar a realidade no espaço e no tempo, porém essa constituição se opera mecanicamente, o sujeito desse “texto” é uma máquina, apenas acionada pelo sujeito-fotógrafo, e seu resultado é algo de que não se pode colocar em questão, porque realmente existente. De que realidade se trata, aquela que efetivamente existe, ou aquela que se torna real porque representada como informação perceptiva?

Batens (in Samain, 2005) escreve sobre a dificuldade que há em negar que toda fotografia é imagem do passado e o quanto isso interfere na análise teórica do tempo fotográfico, muitas vezes, conduzido por simplificações ditadas pela prática dominante da fotografia como busca do instante privilegiado através da imagem única; esquecendo-se que ela acomoda, em sua estrutura narrativa, múltiplos significados, que às vezes acaba a tornando sem sentido.

Se uma imagem não tem sentido em si, que lhe seja inerente, se o sentido de uma imagem está sempre para ser constituído pelo sujeito-espectador, seria a imagem, então, apenas um suporte para o texto-imagem? Mas que tipo de suporte?

Sabe-se também que de um simples ponto de vista descritivo, a fotografia não basta por si só, pois descrição pura não existe, já que toda descrição é, por si só, uma interpretação (Orlandi, 2001)

Para Barthes (1984), a imagem é vista como representação analógica, no sentido de re-apresentação. Está impregnada de resíduos do real, mas não é extensão da realidade. Trata-se de uma criação interpretativa fruto de um imaginário.

No entanto, Couchot (in Parente, 1993) entende a imagem fotográfica como marca instantânea do real, pois se prende para sempre ao real através dos fios invisíveis da luz. A fotografia corresponderia aos objetos que representa, pois é produzida em circunstâncias tais que são fisicamente forçadas a corresponder à natureza.

A grande questão que sempre fica é: será a fotografia uma imagem fiel da realidade?

Seguindo as idéias de Barthes (1984), não podemos aceitar as fotografias como espelhos fiéis dos fatos, pois elas sofrem interpretações, além de que a imagem de qualquer objeto ou situação pode ser dramatizada ou estilizada, de acordo com a ênfase ou intenção

pretendida pelo fotógrafo. Por outro lado, é possível pensar que uma fotografia pode evocar exatamente a magia e o mistério daquilo que se registra com a câmera. Ainda assim, ela não é o reflexo absoluto do real; ela é, quando evocada corretamente, apenas mais um aspecto daquilo que ocorreu, mais uma evidência do já acontecido.

Darbon (in Samain, 2005) esclarece que o fotógrafo, na verdade, copia algo que foi criado inicialmente; logo, a fotografia é aparência e o que o fotógrafo imita é a aparência e não a realidade. Na verdade, o fotógrafo encontra-se afastado da realidade; passa a ser um imitador, sem nenhum conhecimento válido daquilo que imita.

De qualquer forma, é criada uma imagem-imitação da aparência, nos induzindo a descobrir a fotografia não tanto como um objeto e sim como uma maneira de ver e de pensar a realidade imitada. No entanto, a leitura da imagem não leva a um consenso, ao contrário; de uma mesma imagem fotográfica são constituídas variadas interpretações.

Oliveira (2002) considera que tudo depende do olhar contextualizado de um espectador situado em seu espaço-tempo, ou seja, em sua prática cultural, olhar esse que também compõe o processo de construção da imagem.

O som do obturador

Analisando a fotografia abaixo - fotografia 1 - e seus respectivos comentários, publicados em uma página do site Flickr¹, é possível perceber que o *operator* elegeu uma cena, um momento, para fotografar e que os espectadores fizeram diferentes interpretações, o que nos leva à dúvida da real intenção do fotógrafo, já que a mesma não possui legenda, possibilitando ainda mais o fluxo de sentidos dados à foto.

¹ Flickr é um site que tem como objetivo o compartilhamento e o armazenamento organizado de fotos. Utilizado por milhares de usuários ao redor do mundo, permite que haja uma interação constante através da postagem de comentários em cada foto publicada, além de discussões em grupos temáticos.
Endereço: <http://www.flickr.com>



Fotografia 1

Ao analisar as interpretações² dos espectadores a respeito desta fotografia (fotografia 1), surgem inúmeros sentidos e sentimentos distintos são despertados. Alguns vêem solidão na fotografia em questão, outros cansaço, há aquele que interpreta como fotografia depressiva e ainda o que interpreta como um momento difícil, mas que atrás do personagem há um lindo lago, mostrando otimismo. Assim, vemos diferentes interpretações levando a distintas realidades para aquela figura.

Outro aspecto que merece destaque é a influência da subjetividade do espectador ao comentar a respeito da foto. Há passagens que ocasionam certa identificação entre fotografia e espectador, o que por sua vez o levaria de certa forma ao fotógrafo. Então, trata-se de realidade virtual? Ficção? Não. Construção de interpretações, apenas. O objeto existe, enquanto cena é realidade, é objetivo, mas no momento em que é interpretado, a realidade da fotografia é atravessada pela subjetividade daquele que a observa, confundindo-se com a realidade pretendida pelo fotógrafo. Portanto, falamos em realidade enquanto construção de interpretações.

Nesta mesma linha de pensamento, entende Darbon (in Samain, 2005) que uma imagem não possui um sentido que lhe seja inerente, pois o sentido de uma imagem se constrói. No nível do emissor, a imagem pode propor múltiplas dimensões da realidade, eventualmente contraditórias, em função da subjetividade do fotógrafo, do contexto, de

² Foto e comentários publicados em <http://www.flickr.com/photos/codevilla/38248289>

condicionamentos sociais e técnicos. Da mesma forma, o espectador também tem sua própria subjetividade, sua história pessoal e seus gestos de leitura, o que acaba interferindo na percepção e leitura da imagem fotográfica.

Darbon (in Samain, 2005) ressalta ainda que a significação de uma imagem depende da experiência e do saber que a pessoa que a contempla constituiu anteriormente, sua enciclopédia, ou seja, existem muitas significações a serem “lidas” nas imagens. Mesmo na fotografia artística, não representa incômodo o fato de o espectador atribuir todas as significações que quer para aquilo que está vendo: mergulha-se, nesse momento, no domínio da subjetividade e da sensibilidade, não no do discurso racional.

Para tanto, a fotografia acaba exigindo do observador certa motivação afetiva para “ler” a imagem, já que neste momento ele acaba despindo-se de qualquer senso racional e caindo no campo do inconsciente³. Veja-se a fotografia 2.



Fotografia 2

À variedade de significados e interpretações atribuídas a uma mesma foto, Darbon (in Samain, 2005) confere como conseqüência ao que ele chama de falta de comunicação, referindo-se à ausência de estruturação rígida da imagem fotográfica, constatada facilmente quando se pede a várias pessoas espectadoras para comentarem uma mesma foto, e dela surgem diferentes leituras, o que torna caduca a noção semiológica de código.

Oliveira (in Samain, 2005) ao estudar a obra de Augusto Malta, considerado um dos maiores fotógrafos brasileiros do início do século XX, concluiu que a infinidade de interpretações ocorre, principalmente, em imagens fotográficas sem legenda. Neste estudo, ele observa que Augusto Malta tinha o hábito de legendar as suas fotografias, talvez na

³ Publicada em <http://www.flickr.com/photos/codevilla/288491654/>

tentativa de salientar exatamente a imagem que ele queria que fosse lida, por mais óbvia que fosse.

Nesse caso, parece que ele pretendia limitar as diferentes interpretações, ou ainda, que sem as legendas, as fotos perdessem o sentido e a razão de sê-las. Segundo Barthes (1984) a fotografia possui uma linguagem conotativa e denotativa, ou seja, o óbvio e o obtuso. O óbvio é tudo o que se vê na fotografia, tudo que está evidente. O obtuso é toda a informação implícita na fotografia. O enquadramento da foto, o posicionamento da câmera dando noção de dimensões, são informações que geralmente revelam a bagagem social e cultural do próprio fotógrafo, o seu *studium*, que fornece o espetáculo cultural. Um inventário cultural que tenta declarar certa significação da foto: responsabilidade, familiarismo, conformismo, ou seja, aquilo que o fotógrafo quis transmitir.

O mesmo autor ainda traz o conceito de *punctum*, que constrói um outro significado para o observador; é o elemento que perturba, é um detalhe, um objeto parcial que agita o espectador, fixando o olhar. Ele exemplifica com a imagem fotográfica, comovente, de crianças abraçadas e o que mais chama a atenção dele, com obstinação, são os dentes de um dos garotos. Esse detalhe que foge da imagem como um todo é o *punctum*.

A noção de *punctum* pode ser observada na foto a seguir, na qual aparecem duas crianças; as interpretações vão todas na mesma direção, ou seja, descrição de crianças fofas, crianças lindas, comentário da roupa da criança que parece uma ovelhinha; a fotografia parece ter despertado um sentimento fraterno, exceto de um espectador que não fala nas crianças, objeto principal da foto, referindo-se somente à sombra de uma mão no carro (por exemplo, a fotografia 3). Ele fixou o olhar na sombra como se as duas crianças não fizessem parte daquela cena⁴.

⁴ Publicada em <http://www.flickr.com/photos/codevilla/288491654>



Fotografia 3

Será que o fotógrafo capta os detalhes que serão despertados em alguns observadores? Ou simplesmente ele escolhe um determinado momento sem prévia intenção? A escolha de certas cenas é puro acaso? Estaria o fotógrafo tentando dar sentido a um momento enquanto cena ou vida? Por exemplo, a fotografia 4.



Fotografia 4⁵

⁵ Publicada em <http://www.flickr.com/photos/codevilla/94702904>

De acordo com Entler (in Samain, 2005), dificilmente saberemos separar (o próprio fotógrafo talvez não saiba) os acasos das motivações inconscientes para a escolha do instante da foto, às vezes, tão cheia de detalhes. Tais situações têm em comum a impossibilidade de uma justificativa racional para cada elemento da imagem.

Quando se negam as possibilidades oferecidas pelo acaso, descartam-se essas determinações legitimamente expressivas, mas que igualmente não se submetem às escolhas conscientes do fotógrafo. Certos acasos acabam por constituir um dos fascínios da imagem fotográfica. A fotografia revela um inconsciente ótico, assim como a psicanálise revela o inconsciente pulsional.

Para Barthes (1984) o gesto essencial do operador (fotógrafo) é o de surpreender alguma coisa ou alguém, pelo pequeno orifício da câmera, e que esse gesto é, portanto, perfeito quando se realiza sem que o sujeito fotografado tenha conhecimento dele. Revela aquilo que estava tão bem oculto, que o próprio ator dele estava ignorante ou inconsciente. A foto se torna surpreendente a partir do momento em que não se sabe por que ela foi tirada.



Fotografia 5⁶

Gosciewski (1975, citado por Silva, 2003) escreve que as fotografias oferecem uma grande riqueza de informações sobre a vida da pessoa, tanto em aspectos ambientais quanto relacionais (por exemplo, a fotografia 5). Nesse mesmo sentido, Humberto (2000)

⁶ Publicada em <http://www.flickr.com/photos/codevilla/175885874>

acredita que o fotógrafo vai ao encontro de algo não sabido, de um mistério que procura desvendar e, através da fotografia, expressa suas inquietações.

Quando uma pessoa direciona a câmara fotográfica para determinado objeto, símbolo, evento, pessoa ou lugar e constrói esta imagem, naquele instante passa a mostrar algo de si. A própria personalidade e história de vida do fotógrafo parece implicar em escolhas temáticas. A cena pode ter surgido ao acaso, mas, certamente, há um elemento inconsciente deslocado a tal objeto que se destaca diante de outras possibilidades.

O ato de fotografar constitui-se um importante evento social que pode afetar, inclusive, aqueles que estão diante da câmara.

Miriam Leite (in Samain, 2005) percebeu em seus estudos sobre a fotografia que pelo fato das fotografias constarem quase sempre de um conteúdo manifesto e outro latente, serão vistas de maneira diferentes, dependendo de quem olha. Como ao olhar retratos, o espectador sempre estará à procura de uma relação entre ele e a imagem, cada um verá parcelas e níveis diferentes da fotografia.

As idéias da autora podem ser ilustradas ao analisar a próxima fotografia, (fotografia 6) na qual consta a imagem de uma criança gordinha na praia, possivelmente, jogando bola. É uma fotografia bastante colorida. Ao ler os comentários dirigidos à foto, um em especial chama a atenção: “*eu era assim quando criança – bem gordinho*”. O espectador imediatamente encontrou um ponto na fotografia para identificar-se⁷.



Fotografia 6

⁷ Foto e comentário publicados em <http://www.flickr.com/photos/codevilla/107401893>

Pode-se afirmar, então que a câmera funciona como uma extensão do olhar; mas o olhar, que também é seletivo, funciona ao mesmo tempo em que os outros sentidos, dentro de um contexto espacial e temporal, enriquece as impressões da imagem mental, com inúmeros outros aspectos. A câmera produzirá a imagem, talvez mais precisa e mais ampla que o olhar, mas despida de outros aspectos e características. Isso, em alguns casos, pode limitar o seu valor documental. O que ficou registrado pode não ser o que se quer reproduzir.

Sabe-se que a memória é constitutiva da condição humana e o homem sempre procurou produzir sinais que permaneçam no tempo, além do futuro, que sirvam de marca da própria existência. A fotografia acaba multiplicando a memória, fornecendo, inclusive, mais retidão e verdade visuais.

A memória funciona através de imagens fixas, como retratos. A memória não filma, fotografa. O que guardamos são fotografias mentais. Não vemos amigos em movimento contínuo; mesmo muito curtos, os gestos não aparecem em sua duração, mas fixos numa fração de segundo.

Barthes (1984) ao tentar caracterizar o ato de olhar uma fotografia, faz um paralelo ao ato de ver um filme. Ambos são atos de observação, posturas do olhar, porém, muito diferentes. “Assiste-se” a um filme, “mergulha-se” numa fotografia.

Enquanto as imagens projetadas levam o espectador num fluxo temporal contínuo; as fotografias, por sua vez, o fixam num congelamento do tempo e o convidam a entrar na espessura da memória. Diante da tela, somos viajantes e navegadores; diante da fotografia, tornamo-nos analistas e arqueólogos. Há uma postura diferente do olhar, sobretudo maneiras diferentes de ver e de pensar o mundo. No filme, pensa-se o mundo na sua continuidade, na sua dinâmica; na foto pensa-o na sua descontinuidade, no seu recorte, na sua singularidade.

Couchot (1993) caracteriza a fotografia como o traço de um instante privilegiado, a pose que reuniu no mesmo lugar o objeto a ser fotografado, sua imagem e o fotógrafo, aderindo também ao tempo, inscrevendo-se em seu fluxo, em sua cronicidade. A foto reenvia perpetuamente (e por vezes deliciosamente) ao presente da pose, num ir e vir vertiginoso entre o presente – presente daquele que a contempla e o presente-passado da pose (por exemplo, a fotografia 7).



Fotografia 7⁸

De maneira geral, as operações da figuração fundadas na ótica constituem imagens que colam ao real, imagem da qual cada ponto está ligada ao real pela lógica projetiva da representação. Imagem da qual cada ponto registra e fixa o real.

A fotografia pode ser vista, então, sob uma dupla função, espelho e memória, assim explica Novaes (in Samain,2005). *Espelho* não apenas do que fotografamos, mas de toda a realidade social que engloba aquele que seleciona, através da objetiva, a cena a ser registrada; mas também *memória*: de como eram nossos filhos, memórias de espaços distantes que visitamos.

Ao fazer a “leitura” de uma fotografia, cada observador acaba sempre a relacionando consigo, procurando discernir em si mesmo o que talvez não percebesse sem a visão daquela imagem. E mais, a fotografia é capaz de, até mesmo, trazer à tona pela memória, através da imagem, a lembrança de cheiros e sabores à la Proust com sua busca de tempo perdido. A imagem incita a memória a balançar os sentidos.

Dessa forma, a fotografia também pode acabar por provocar desconsolo no observador, pois parece produzir um efeito diferente do que se procurou nela estar indicado, ou seja, não passa de um passado presente fixado em um instante. É uma realidade passada convidando o observador no presente a perder-se em sua presença de passado.

A fotografia convida a transformar o real em representação do real. Parece indicar ao espectador e ao fotógrafo que aquele objeto não mais existe a não ser como representação revelada; ou seja, a fotografia consola o observador pela substituição da ausência daquilo

⁸ Publicada em <http://www.flickr.com/photos/codevilla/134468901>

que se foi pela presença do que foi no passado fixo no presente. A fotografia eterniza o momento, afinal cada presente é passado em instantes que se esfuma se não fotografado. A fotografia torna-se o referente de si mesma. A objetividade fotográfica permite, assim, ao sujeito que observa acreditar na existência do objeto representado, isto é, tornado presente no tempo e no espaço. Inaugura a ilusão de uma realidade a partir dela. A realidade parece passar a existir a partir dela e nela.

Revelações

É possível concluir que o momento, o instante ou a cena delimitado pelo fotógrafo é a base da fotografia, o referente, que desperta o desejo no fotógrafo em eternizar aquele momento. Ele desperta memórias e sentimentos para serem fotografados e, depois de revelados, continua despertando diferentes memórias, ocasionando viagens internas para aqueles que a observam e a interpretam.

Através da fotografia é possível preencher um vazio, do espaço externo, com as interpretações e realidades fornecidas a ele, além do interno - pessoal - com memórias, muitas delas já amarrotadas no inconsciente.

A fotografia captura um instante, põe em evidência um momento, ou seja, o tempo que não pára de correr e de ter transformações, e que ficará eternizado e não sofrerá mudança alguma, daquela forma será sempre re-apresentado e revivido.

Inegavelmente, a fotografia deve ser vista enquanto objeto de memória. A memória está presente não só na leitura da imagem, mas atuando também na escolha de determinados momentos registrados; logo, ela pode ser dirigida tanto ao passado como ao futuro. Assim, fotografia pode ser pensada como o meio de expressão cujo funcionamento é o mais diretamente comparável ao funcionamento da memória.

Com a imagem fotográfica também podemos conhecer do mundo coisas até então passadas despercebidamente. Cenas, pessoas, momentos, situações que se tornam notáveis no momento em que o fotógrafo, às vezes por razões inconscientes, resolve mostrá-las.

Qualquer que seja o tema representado numa fotografia, o aspecto simbólico sempre recorrente será a lembrança que ela traz de uma época desaparecida. A fotografia exerce subliminarmente muito mais influência sobre a nossa leitura do mundo do que podemos imaginar.



Fotografia 8

“Kids can relax and be happy anywhere. Wish I could still do that:) Nice capture of innocence.”⁹

⁹ Comentário publicado em <http://www.flickr.com/photos/codevilla/42748260>

Bibliografia

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Tradução de Julio Guimarães. RJ: Nova Fronteira, 1984

ECO, Umberto. *Obra Aberta*. SP: Perspectiva, 1976.

FERRARA, Lucrecia D Alessio. *Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental*. SP: Universidade de São Paulo, 1993.

HUMBERTO, Luis. *Fotografia, a poética do banal*. Brasília: Universidade de Brasília, 2000.

MACHADO, Arlindo. *Máquina e imaginário*. SP: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

OLIVEIRA, Rocha. *Ver para crer: a imagem como construção*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2002.

ORLANDI, Eni. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, Pontes, 2001

PARENTE, André (org.). *Imagem Máquina. A era das tecnologias do virtual*. RJ: Editora 34, 1996.

SAMAIN, Etienne (org.). *O fotográfico*. SP: Editora Hucitec, 2005.

SILVA, Neiva Lucas. *Expectativas futuras de adolescentes em situação de rua: um estudo autofotográfico*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia da UFRGS, 2002.